



## Uma leitura biográfica de arquivos femininos: o acervo de Hilda Hilst

**Aluna:** Ana Júlia Valezi

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Daniela Palma

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou traçar leituras possíveis para o arquivo de Hilda Hilst, localizado no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE/Unicamp), como um espaço discursivo de construção de subjetividades a partir da concepção de espaço biográfico cunhada por Leonor Arfuch (2010). A pesquisadora argentina baseia-se nas proposições de Philippe Lejeune sobre autobiografia e, especialmente, em sua concepção sobre espaço biográfico, expande esse conceito para abarcar as reflexões da pós-modernidade, especialmente a noção de sujeito descentrado. Stuart Hall, em seu texto *A identidade cultural na pós-modernidade*, compreende que as construções identitária e subjetivas de contemporaneidade ocorrem a partir das interações e relações sócio-culturais, em contraposição a uma visão essencialista e biologizante que vigorou na modernidade. Para a proposta de Arfuch, a noção de espacialização é aplicada às possibilidades de formação de identidades biográficas, em que confluem e se articulam diferentes itens discursivos que concernem a representação e enunciação de um sujeito. A historiadora francesa Michelle Perrot (2005), em *As mulheres ou os silêncios da história*, analisa que os espaços possíveis de formulação subjetiva e identitária de mulheres seriam os espaços íntimos (não públicos, portanto), configurando a construção de uma espécie de memória “semi-oficial” (PERROT, 2005, p. 38). Essas produções foram consideradas insignificantes e pouco relevantes, o que é o reflexo da invisibilização e impedimento de que essas mulheres – e demais indivíduos marginalizados – de existirem enquanto sujeitos sociais e, no limite, históricos e políticos. Trata-se do que Perrot define como “antecipação da indiferença”, isto é, da “dificuldade feminina de existir de outro modo que no instante fugaz da palavra e, por consequência, a dificuldade de recuperar uma memória que não deixou rastros”. A investigação acerca das possibilidades de construção e projeção subjetiva coloca em questão os processos de formação de memórias genderizadas não dominantes – especificamente a feminina no caso desta pesquisa – que, ao longo de história ocidental, foi delegada a uma posição de inferioridade e de insignificância.

### OBJETIVOS DA PESQUISA

Essa pesquisa tinha como objetivo investigar o arquivo de Hilda Hilst, destacando o papel da memória na construção de subjetividade, a fim de expandir suas significações para além de sua obra literária, destacando, a multiplicidade de sentidos e relações possíveis entre os diferentes itens discursivos. A proposta de leitura deste arquivo pessoal, engendrada a partir desse dispositivo conceitual, compreende o arquivo como



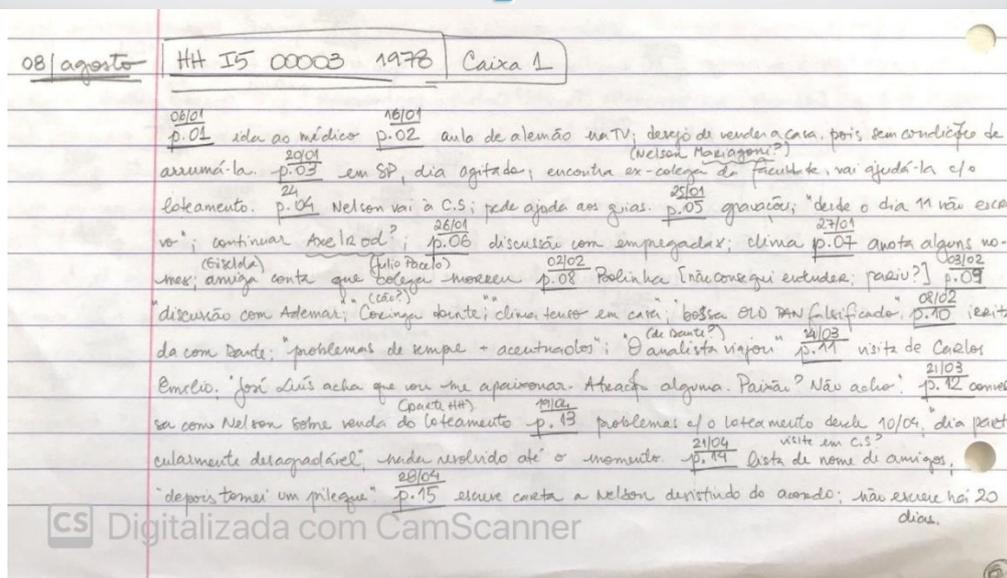
possibilidade de agenciamento, isto é, como espaço de construção subjetiva, identitária e memorialística. Assumimos, portanto, que as produções femininas desempenham um papel fecundo e relevante para os diferentes estudos relativos à linguagem e, especialmente, ao trabalho com o arquivo. Para isso, foram mobilizados diferentes dispositivos para se pensar diferentes formas de ler sentidos singulares relativos às materialidades físicas e linguísticas do arquivo e seus suportes.

## DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Com relação ao acervo analisado, trata-se de um fundo composto por itens vendidos pela titular para a instituição em 1995 e novamente em 2003. As possíveis motivações desse acordo incluem as constantes dificuldades financeiras enfrentadas por Hilst, um tópico recorrente nos seus registros pessoais, além de sua intenção de que os documentos fossem preservados e divulgados para pesquisadores e para a comunidade como um todo, já que, em suas agendas, Hilst queixa-se constantemente de não ter sua literatura reconhecida. Seu arquivo pessoal enquanto *locus* de pesquisa e investigação poderia funcionar, assim, uma alternativa para esse reconhecimento que Hilst desejava, assim como uma abertura para a aproximação de sua literatura. Esse interesse alinha-se, portanto, à nossa hipótese de que o arquivo pode funcionar enquanto possibilidade de agenciamento e de projeção de um sujeito histórico e político, pois. É relevante também destacar a importância dessa aquisição ter sido feita por um centro de documentação vinculado ao instituto de linguagens de uma universidade pública. Essa escolha não parece aleatória, dado que o centro de documentação se situa na cidade em que a autora viveu grande parte de sua vida, além de ser vinculada à universidade atuando no Programa de Artista Residente. Nesse sentido, a alocação desse fundo num centro especializado em literatura e na produção cultural brasileira, contendo itens de diferentes naturezas, contribui, diretamente, para estimular pesquisadores em torno dessas temáticas, além de assumir um papel significativo e relevante na preservação da memória do legado de Hilda Hilst.

Quanto ao gesto inicial de aproximação ao acervo, foi feita uma investigação na base de dados da titular, disponível no site do CEDAE, a fim de compreender seu sistema de arranjo e fazer uma pré-seleção dos itens a serem explorados. Os documentos que apontavam para as possibilidades de leituras e investigações em consonância com os objetivos da pesquisa referem-se à série 05: Agenda, vinculada ao grupo I - Vida Pessoal, uma vez que esses materiais. Essa série, que abrange o período de 1973 a 1995, é composta por 22 agendas, totalizando 2064 páginas de registros escritos.

De forma a organizar a leitura e as análises, foram feitas anotações em um caderno seguindo as nomenclaturas do acervo, a fim de sintetizar os materiais lidos, como ilustra a imagem abaixo:



**Imagem 1:** Foto das anotações sobre as agendas, seguindo a ordenação do arranjo do acervo (como indicado no cabeçalho) e das páginas de cada exemplar, bem como das datas, quando era possível identificá-las.

As anotações seguiram a numeração de cada uma das páginas lidas, de modo que o retorno ocorresse de maneira mais precisa e direcionada. Esse retorno era importante, porque o intuito de pesquisa não era investigar apenas a materialidade discursiva, mas também aspectos relativos aos suportes, às diferentes semioses (o uso diferenciado de cores, os grifos, as anotações rasuradas, os desenhos que, por vezes, compunham os registros escritos), à disposição dos escritos nas páginas, à relação entre data e registro, bem como as dinâmicas entre autor e suporte, uma vez que essas diferentes instâncias de significação compõem esse espaço auto/biográfico. Além disso, por vezes foram consultadas informações auto/biográficas sobre Hilda Hilst para nos situarmos cronologicamente em seus registros que, por vezes, não seguem a ordenação das datas. Nesse sentido, embora Lejeune (2014, p. 260) atribua à data a categoria crucial para esse gênero, Hilst mostra-se, mais uma vez, insubordinável: seus escritos ultrapassam as delimitações e as ordens daquele suporte, fazendo deles o que ela deseja. Mesmo que, por vezes, escritos não indiquem uma data, é possível compreendê-los enquanto inseridos nessa “rede de tempo, de malhas mais ou menos cerradas” (LEJEUNE, 2004, p. 260), nessa sequência descontínua e irregular de impressões (DERRIDA, 2001). Assim, fragmentação e repetição configuram-se como traços característicos dessa prática discursiva. Por isso, no caso dessa pesquisa, os significantes *agenda* e *diário* adquirem uma relação de similitude e alternância, dado que as características discursivas dos registros se assemelham ao que compreendem os diários íntimos, mesmo que tenham sido feitos em agendas, nomenclatura essa em consonância com o sistema de arranjo proposto pelo CEDAE/Unicamp.

Quanto à metodologia, essa pesquisa não se baseou num método prévio, uma vez que parte do seu projeto compreendia a elaboração de caminhos de leituras para esse acervo. Para compor esse percurso, apoiamos-nos em contribuições de alguns autores de diferentes áreas, tendo em vista a proposta conceitual de Leonor Arfuch (2010). Para isso, buscamos inicialmente em Barros (2018) uma familiarização com as discussões de



Arfuch (2010) e em Michelle Perrot (2005) teorizações sobre os processos de formação de memória feminina; em Derrida (2001) a compreensão de arquivo enquanto *consignação* de itens discursivos; por fim, em Farge (2009) e Ginzburg (1989) dispositivos para elaborar uma leitura indiciária de arquivos.

## RESULTADOS OBTIDOS

Para as análises, foi privilegiado um enfoque nas regularidades que compõe esse espaço auto/biográfico, a fim de entender e destacar quais traços são recorrentes e de que maneira eles podem apontar para uma caracterização do sujeito a eles relacionados. Nesse sentido, as anotações sobre os principais temas, itens discursivos e recursos semióticos foi fundamental para identificar as recorrências que se relacionavam à formação auto/biográfica. Com relação à temática, tem-se uma diversidade de assuntos concernentes à sua vida pessoal e que, portanto, compreendem esse espaço auto/biográfico. Assim, alguns dos temas mais constantes e recorrentes são suas impressões, angústias e sensações, listas de compras, estado de saúde, amigos e amantes, sonhos, compromissos, investigações sobre misticismo e religiosidade, leituras em andamento, seu processo de escrita e publicação de seus textos, inquietações sobre sua situação financeira. Outra característica diz respeito à frequência em que Hilst escrevia nessas agendas. Por vezes os registros eram constantes, diários, em outros momentos ela não escreve por meses. A agenda de 1973, a primeira delas, contém 351 páginas de escritos, o que aponta para uma prática diariamente atualizada. Já os registros de 1986 encerram-se em 23 de fevereiro, totalizando 42 páginas. A última delas, de 1995, tem sua primeira inscrição datada de 19 de outubro, dia seguinte à compra da agenda em questão, compilando apenas 16 páginas escritas que perpassam alguns poucos acontecimentos daquele ano. Assim, tem-se na fragmentação (LEJEUNE, 2014, p. 274) um traço característico da escrita de diários. Por fim, outro aspecto relevante são as marcas de revisitações aos registros, como comentários, desenhos ou rasuras. Isso é perceptível, por exemplo, pela mudança na cor da caneta, ou pelas indicações da própria autora sobre o texto, como “nota posterior”, ou a inserção de uma outra data, para indicar essa anotação posterior. Esses retornos, impressos nessas agendas, compõem o processo de formação subjetiva, por meio da rememoração de pensamentos, sensações e vivências experienciadas. Inscrever isso em registros é, assim, dar forma narrativa a essa experiência auto/biográfica. Embora Lejeune (2014, p. 260) destaque que os diários são marcados pela *autenticidade do momento*, isto é, não podendo sofrer interferências uma vez escrito – o que, caso acontecesse, passaria a se enquadrar como autobiografias –, não assumimos essa perspectiva. De acordo com Pierre Bourdieu (1996), a construção de uma narrativa autobiográfica insere-se nesse movimento retrospectivo e prospectivo, a fim de estabelecer relações inteligíveis que concernem a experiência subjetiva. Nesse sentido, essas revisitações que ocorrem nos registros de Hilda compõem esse espaço auto/biográfico que, enquanto redimensionado dentro da categoria da narrativa (CHIARA, 2007), está ligado à uma compreensão de sujeito descentrado (HALL, 2006). Assim, a instabilidade do eu reflete-se nas elaborações desses diários. Pode-se afirmar, portanto, que a reescrita se configura como uma possibilidade de dar forma e sentido ao processo constante de elaboração subjetiva e identitária. Assim, tem-se na consignação de itens desse arquivo espaços de construção subjetiva e de memória.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isso posto, a proposta de leitura deste arquivo pessoal engendrada a partir desse dispositivo conceitual permitiu compreender esse arquivo como possibilidade de agenciamento, isto é, como espaço de construção subjetiva, identitária e memorialística. Investigar o arquivo de Hilda Hilst é, assim, destacar o papel da memória na construção de subjetividade e expandir suas significações para além de sua obra literária, destacando, a multiplicidade de sentidos e relações possíveis entre os diferentes itens discursivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro, RJ : Editora da UERJ, 2010.
- BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. **Língua, arquivo, acontecimento**: trabalho de rua e revolta negra na Salvador oitocentista. 2016. 1 recurso online (213 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/320908>. Acesso em: 15 dez. 2019.
- BARROS, Nayara Natalia de. **Curadorias digitais de si**: o auto/biográfico liminar das linhas do tempo do Facebook– Campinas, SP : 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/332645>. Acesso em: 23 set. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2001.
- FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. Tradução de Fátima Murad. São Paulo, SP: Edusp, 2009.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução e organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2014.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história** / Michelle Perrot. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.